

# A cobertura noticiosa do Chega nas eleições legislativas de 2019

O caso do *I* e do *Público*

Pedro Maia Martins  
Centro de Estudos de Comunicação e  
Sociedade – Universidade do Minho  
[a10397@alunos.uminho.pt](mailto:a10397@alunos.uminho.pt)

# Introdução



António Cotrim / Lusa

- 6 de outubro de 2019: eleição de André Ventura para a Assembleia da República.
- Entrada da extrema-direita/direita radical no parlamento português (Mudde, 2019).

# Chega e dos *media*



D.R.

- Não era estranho à arena mediática.
  - Comentador desportivo na CMTV.
  - Conhecidos por declarações sobre a comunidade cigana em 2017.
- Qual foi a abordagem dos *media* portugueses aquando da sua primeira disputa eleitoral?
  - Qual foi a abordagem dos *media* portugueses após a eleição de André Ventura?

# Populismo de direita

---

- Partido de direita radical populista (Mudde, 2020; Marchi, 2020).
  - Ideologia dicotómica: povo vs elite (corrupta e corruptora)
  - Excludente
  - Tradicionalista
  - securitária
  - antiestablishment e antiesquerda (Guazina, 2021).
- Ascensão notória em anos recentes.



# Direita populista radical e os *media*

---

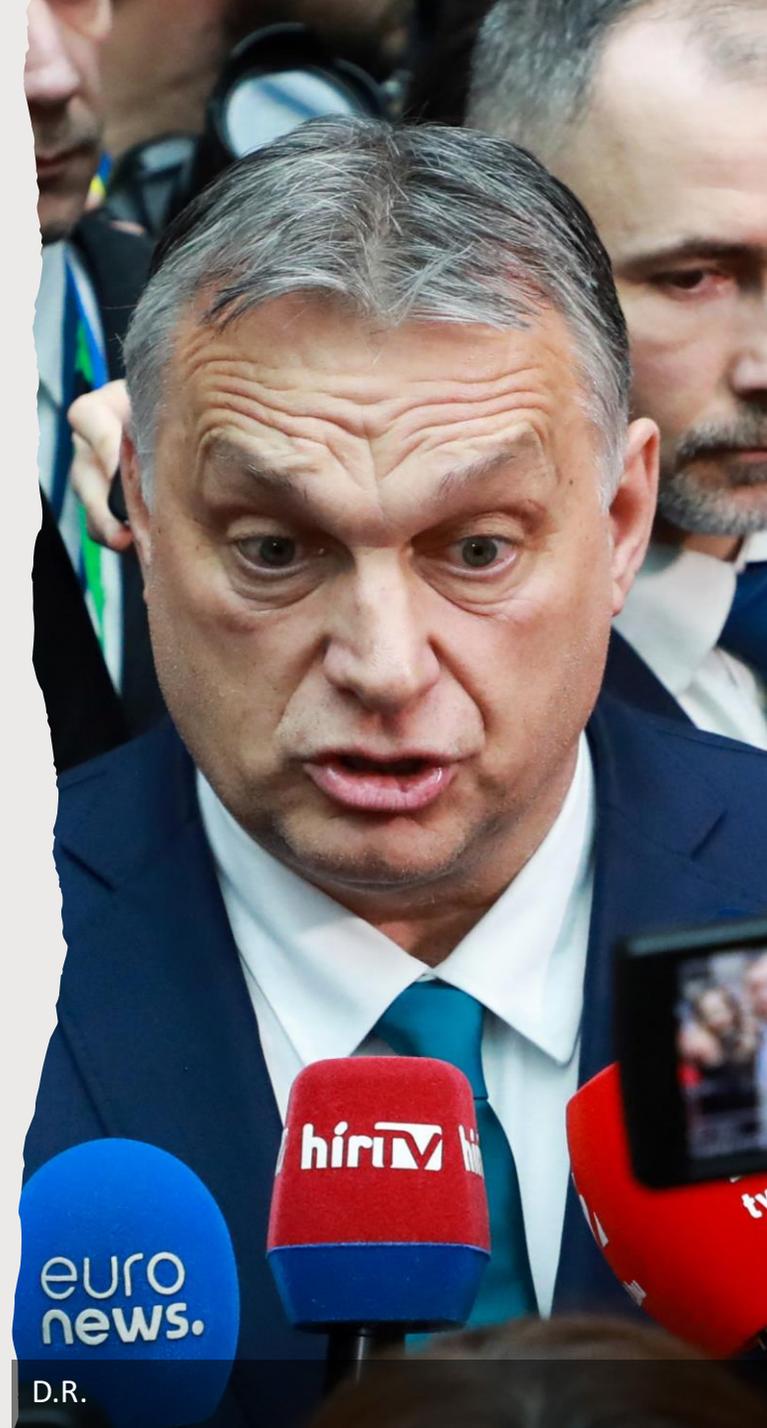
- Atividade política está crescentemente mediatizada
- *Media* informativos necessitam de alcançar o público.
  - Necessidade de material noticioso
- Actos comunicativos populistas são bastante atrativos para os profissionais do jornalismo.





# Populismo mediático

- Adaptação dos *media* à própria lógica política e discursiva populista (Krämer, 2014).
- Consequências:
  - alienação cada vez maior entre os atores políticos e a população por eles governada ou representada, em função de um clima de desconfiança cada vez maior
  - normalização dos movimentos populistas pelos *media* (Cunha, 2019)



# Análise empírica

- Análise mista: quantitativa e qualitativa
- Edição impressa de dois meios de comunicação:
  - Jornal *I*
  - Jornal *Público*
- Recolha de todas as peças informativas (notícias, breves, reportagens e entrevistas) nos períodos de:
  - Pré-campanha: 1 de agosto a 21 de setembro
  - Campanha eleitoral: 22 de setembro a 6 de outubro
  - Semana posterior ao ato eleitoral: 7 a 13 de outubro
  - 80 peças sobre o Chega
    - 54 do *I*, 26 do *Público*
  - 37 foram objeto de análise qualitativa

# Resultados quantitativos

- O *I* noticiou a atividade do Chega numa proporção maior que *Público*
  - *I* publicou mais peças nas quais o partido referido foi ator principal (19/9)
  - *I* deu mais espaços nas suas manchetes (10/3).
- Cobertura aumentou substancialmente após a eleição de André Ventura para o cargo de deputado, em ambos os jornais .
- O Chega teve uma cobertura inferior à dos partidos com presença na AR anteriormente a 2019.
- O Chega protagonizou mais artigos e marcou presença em mais manchetes do que o Livre.
- Chega ultrapassou tanto o Livre como a Iniciativa Liberal no tocante às presenças simples
- Teve valores inferiores à IL no que toca a presenças como autor principal e a presenças nas manchetes.
- Apenas 47,5 % dos artigos sobre o Chega se focam no seu líder partidário ou nas suas declarações
- Artigos sobre o Chega ignoram a maioria dos pontos do seu Programa Político e das 70 medidas para reerguer Portugal.

# saída de Joana Marques Vidal se deveu ao caso Tancos

“Logo por azar dos Távoras havia de haver a renovação do mandato da PGR”, disse o juiz João Bártolo durante interrogatório a Azeredo Lopes

// PÁGS. 10

Entrevista a André Ventura, líder do Chega

## “A Assembleia da República nunca mais vai ser igual”

“Os países mais democráticos têm prisão perpétua”

“Sou ameaçado frequentemente por membros de etnia cigana”

// PÁGS. 8-11



### MANUEL ALEGRE APELA AO PCP PARA CONTRIBUIR PARA SUCESSO DE NOVA GERINGONÇA

O day after da hecatombe à direita: Já há distritais a pedir a saída de Rio e João Almeida chega-se à frente no CDS Os deputados que chegam ao Parlamento e os que estão de saída // PÁGS. 32-35



### Cíntia Gil, líder do Docli

“Há artistas para o país”

## Jornal /

- Cobertura favorável ao Chega
  - Presença de André Ventura e do presidente do Concelho de Jurisdição, Rodrigo Alves Taxa, no espaço de opinião do jornal.

## André Ventura

“Cristas tem uma obsessão comigo porque sou o líder que o CDS gostava de ter”



Ventura reage a declarações de Assunção Cristas, que disse que só o Chega estaria a mais numa coligação de direita

// PÁG. 5

## Partidos vão gastar 1,6 milhões de euros em comícios e espetáculos

➔ PS é o mais gastador, com um orçamento de 2,4 milhões de euros para as eleições

➔ Socialistas lideram as despesas há dez anos. PSD é o segundo e a CDS é o terceiro

## CEO do banco da CGD em Moçambique multado e



## Jornal /

- Voz ativa de André Ventura em querelas com o CDS.
- Menção de declarações de André Venturas (apenas) sobre certos temas
  - Maiores parcelas de texto dadas da André Ventura, em relação a outros candidatos de partidos sem representação parlamentar
  - Ignora declarações de outros líderes políticos sem assento parlamentar.
- Veiculação de pseudoacontecimentos propagados pelo Chega
- Jornalista pré-de-microfone na entrevista posterior às eleições 6 de outubro de 2019.

# Em Elvas, “o ódio contra os ciganos” rendeu votos ao Chega

Dados da PSP de Elvas mostram que não há mais ciganos a cometer crimes do que não-ciganos. Mas na cidade onde vive uma comunidade cigana com centenas de pessoas os preconceitos estão bem vivos

**Reportagem**  
Joana Gorjão Henriques

No domingo, Almerindo Prudêncio estava numa mesa de voto na Escola Básica de Santa Luzia, centro de Elvas. Achava que o Chega ia ter apenas “uma meia dúzia de votos”. Mas, afinal, foram mais. “Não se estava à espera de nada disto”, afirma o também mediador cigano naquela escola.

A sua freguesia – Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, que fica no centro de Elvas – registou a maior taxa de votação no Chega entre as que tiveram acima de 100 votos. Em 8368 eleitores, aquele partido de extrema-direita tornou-se a quinta força política, à frente do PCP e do PAN: 167 votos, ou seja, 4,49%.

Olhando para trás, isto não espanta assim tanto Almerindo Prudêncio, 44 anos. “Encontraram no Chega a maneira de expressar a discriminação. Há um preconceito e uma ideia de que somos todos iguais e que não há nada de bom entre os ciganos. É nisso que o sr. Ventura pega e faz a sua campanha: recolhe o ódio da população, faz uma manobra e solta aquelas baboseiras.”

Estamos no Bairro de São Pedro, onde vivem famílias ciganas e não-ciganas, e onde reside Almerindo Prudêncio. Prédios brancos baixos, estradas largas, ambiente tranquilo. “Afinal o que é um cigano?”, questiona. “Se o dicionário diz que são ladrões, trapaceiros, então há muitos mais que nós. Ele [André Ventura] transfere todo o mal da sociedade para os ciganos e capta os votos de pessoas inconscientes.”

Sobre os ciganos André Ventura repetiu várias vezes que viviam à custa de subsídios e que são favorecidos em relação a outros cidadãos, nomeadamente na habitação. Entrando no Bairro das

Pias, às portas de Elvas, favorecimento é tudo o que não existe. Não há água canalizada nas casas, de estrutura pré-fabricada, o lixo no descampado não é retirado, não há transportes públicos à excepção da carrinha da escola. Ali vivem cerca de 40 famílias há mais de uma década. Há bidões de água espalhados nos terraços, e crianças a tomar banho cá fora, de balde. Por dentro, algumas casas parecem ter sido pintadas de fresco, contrastando com o exterior; outras têm rachas e bolor.

Segundo o Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana, em 2015, 45% de todos os alojamentos não clássicos eram habitados por famílias ciganas, 32% das famílias ciganas residiam em alojamentos não clássicos e 46% em habitação social.

Almerindo Prudêncio explica aos moradores o motivo da reportagem: perceber por que razão tanta gente na freguesia votou no Chega. A maioria absteve-se. Porquê? “Nunca fazem nada pela gente”, diz David Carmo, 38 anos.

Almerindo Prudêncio contextualiza: “Grande parte das comunidades ciganas não se sentem representadas, estão despolitizadas. Houve políticas [dirigidas aos ciganos] sobre as quais não lhes perguntaram nada: dá nisto. E depois as pessoas estão resignadas, não é só aqui. Aqui há segregação mas não é caso único. Se estes senhores puserem um currículo numa proposta de emprego, sabendo que as pessoas são do Bairro das Pias, vai para trás.”

A jovem Sheila Cardoso quer falar. “Há muito racismo, aqui há poucos a tratarem bem os ciganos.” E comenta: “Eles desistiram da gente. Dão-nos patadas.”

Cátia Carmo, 29 anos, não-cigana casada com um cigano que tem família no bairro, chega à rua de carro. Atrás está o filho. As famílias aceitaram-se bem, conta. Ela costuma comentar nas publicações



Jacinto Cesar, vice-presidente da Alar; Preciosa Brito

das redes sociais para defender os ciganos: “Na nossa etnia tanto há bons como maus, como na deles. Não acho justo. Não são só os ciganos que recebem o RSL. Revolto-me muito.”

Os números oficiais dizem que os ciganos em Portugal são 0,4% da população. Em 2015 havia 530 ciganos registados no município de Elvas, segundo os dados das Comunidades Populares de Elvas. Ela costuma comentar nas publicações

## Jornal *Público*

- Postura crítica em relação ao Chega
- Utilização de humor como ferramenta de crítica
- Associação a outras figuras políticas populistas ou eurocéticas.
- Utilização frequente do termo “extrema-direita” (rejeitado por parte dos autores e com uma carga negativa)
- Ausência de voz ativa nas notícias sobre diferendos com outros atores políticos da direita portuguesa
- Reportagem onde elementos da comunidade cigana são entrevistados
  - Dados e declarações de autoridades desmentem alegações do Chega sobre a comunidade cigana

# Conclusão

- Não existe unanimidade nas abordagens dos diferentes *media*.
  - Política editorial de cada *medium* irá sempre influenciar as suas coberturas noticiosas.
- A nível quantitativo, a cobertura noticiosa do Chega não divergiu muito do habitual para partidos sem representação parlamentar.
- Qual terá sido o motivo para o contraste entre as duas coberturas?
  - Elementos das direções foram contactados mas não aceitaram dar um depoimento.
- Qual terá sido a abordagem dos restantes meios de comunicação?
- Terá alguma destas abordagens sido diferente no contexto das eleições presidenciais? E nas eleições legislativas de 2022? Qual terá sido a reação à eleição de mais 11 deputados?
- Uma análise dos períodos extraeleitorais levaria a resultados diferentes?